

AGRICULTURA FAMILIAR, AGROECOLOGIA, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SUSTENTABILIDADE: O USO DA LINGUAGEM NO ÂMBITO DO RURAL

Marina Bustamante Ribeiro
Luiz Renato D'Agostini

Resumo

Nossa conduta comunicativa busca explicar nossos pensamentos e compreender pensamentos de outros indivíduos. No âmbito do saber envolvido na reprodução do rural, são comuns expressões com significado nem sempre suficiente. O objetivo deste artigo é denotar a diferença de significado no uso das expressões *agricultura familiar, agroecologia, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade*. Supõe-se que o entendimento manifestado por parte de cada indivíduo é determinado e pode ser caracterizado a partir da ontologia e da epistemologia que o orienta. O estudo foi realizado junto a agricultores e técnicos do Alto Jequitinhonha, Nordeste de Minas Gerais, docentes e discentes do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Em todos os casos foi possível verificar a dispersão de entendimentos quanto às referidas expressões, seja entre categorias ou entre indivíduos de mesma categoria.

Palavras-chave: linguagem, ontologia, epistemologia.

SELF-SUFFICIENCY OF PERCEIVERS AND THE LACK OF UNDERSTANDINGS: LANGUAGE IN THE CONTEXT OF RURAL

Abstract

Our communicative conduct attempts to explain our thoughts and understand the thoughts of other individuals. Within the knowledge involved in the reproduction of rural, are common expressions meaning is not always enough. This article is meant to denote the difference in meaning the use of

the terms family farming, agroecology, sustainable development and sustainability. It is assumed that the understanding expressed by each individual is determined and can be characterized from the ontology and epistemology that guides. The study was conducted with farmers and technicians in Alto Jequitinhonha, northeast of Minas Gerais, teachers and students of the Center for Agrarian Sciences in Federal University of Santa Catarina. In all cases it was possible to verify the spread of understandings as to such expressions, whether between classes or between individuals of the same category.

Keywords: language, ontology, epistemology

1. Introdução

Comunicar-se faz parte das relações humanas. Freire (1983) já disse que o “mundo humano é um mundo de comunicação”. Isto porque o ser humano é capaz de pensar e de transformar aquilo que pensa em comunicação. Para Maturana (2005) comunicação é um fluir de coordenações consensuais de ações. Ou seja, o importante na comunicação é a coordenação de significados realizada pelos interlocutores, pelos portadores da propriedade de transmitir e interpretar.

Comunicação é, assim, produto do que transmitimos e interpretamos envolvendo a linguagem que utilizamos. Recursos como a escrita, forma verbal, gestos e expressões são linguagens coordenadas para comunicar.

Freire (1983) diz que “a comunicação é essencialmente lingüística” e que, sendo feita “por meio de palavras, não pode ser rompida a relação *pensamento-linguagem-contexto ou realidade.*” Ou seja, o pensamento formulado é transmitido coordenando linguagem presente em um contexto da realidade. Foucault (1992) explica que as rupturas epistemológicas de diferentes épocas da história fazem surgir novas ciências, novas explicações, importante na aceitação crescente de uma linguagem crescentemente sofisticada, elaborada, invadida de significados importados e muitas vezes insuficientes. Nesse sentido, Foucault faz uma abordagem na qual a linguagem acompanha diferentes momentos da história e sua

28

complexidade se justifica a cada nova época, a cada nova descoberta e conseqüentemente com novos explicares.

A complexidade de nossas relações sociais demanda linguagem elaborada, sofisticada. Um ponto chave para a compreensão da comunicação humana está no entendimento dos comportamentos coordenados. Linguagem não é apenas informação transmitida, pois a comunicação depende do entendimento do receptor. Para Freire (1983), “na comunicação não existem sujeitos passivos”, pois o pensamento naquilo que é comunicado é compartilhado. Há o “sujeito pensante”, o “objeto pensado (mediatizador da comunicação)” e a presença de “outro sujeito pensante”. Para este autor, o que caracteriza a comunicação é o *diálogo*, sendo indispensável que a “expressão verbal de um dos sujeitos tenha que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito”. Ou seja, a informação transmitida deve satisfazer como explicação para quem recebe a mensagem, devendo, por isto, quem emite informação, ser o mais claro possível.

A necessidade de clareza se deve, em parte, ao fato do ser humano existir na linguagem e quando se tem uma linguagem, não há limites para o que é possível descrever, imaginar, relacionar (Maturana, 2001a). Devemos ter consciência e responsabilidade sobre aquilo que estamos emitindo.

Quanto mais consciente o ser que se comunica, mais a linguagem terá que ser coordenação de coordenação de comportamentos, para que a comunicação seja efetiva.

Assim como os seres vivos, a linguagem também evolui. É também através da linguagem que estamos evoluindo numa escala de complexidade, com acumulação de criações, no compartilhamento de entendimentos, nos superando a cada nova descoberta. Inventamos maneiras de nos satisfazer, de superar crises e de defender nossos interesses. Dessa forma somos capazes de criar expressões que (in)apropriadamente incorporaram diferentes significados para todos os

contextos. Neste processo vão surgindo imprecisões, e as palavras vão adquirindo diversos e ricos significados, mas também significados insuficientes, podendo assim os seres mais conscientes, mais capazes de pensar, também se tornarem confusos demais.

Freire (1983) trabalha com a questão da expressão *extensão*. No entendimento deste autor, o significado atribuído pelo agrônomo a sua ação *extensionista*, ocorre de maneira equivocada. A expressão possui muitos entendimentos. E estes mesmos agrônomos se referem à *extensão* como o papel que ele tem de difundir *conhecimento*. Freire (1983) trata a expressão como uma *troca* de experiências, uma construção comum do conhecimento a partir do *diálogo*. Um processo que é realizado pelo que ele chama de *educador-educando e educando-educador*. Processo no qual agrônomos e agricultores fazem o papel de educador e de educando, e vice-versa. O autor explica que a partir do diálogo a *extensão* é um processo diferente, no qual um ensina o outro e um aprende com o outro. “É saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção” (Freire, 1987)

A imprecisão da linguagem não está presente apenas nas confusões que fazemos entre expressões mal usadas. Está presente também em algumas expressões que possuem significados insuficientes e são usadas demais. No âmbito do rural a confusão na linguagem dificulta encaminhamentos, soluções suficientes, ou simples melhorias. Há palavras que geram confusões ou insuficiência de significados e a partir destas palavras são construídos conceitos que possibilitam diversas interpretações. Assim como *extensão*, muitas outras expressões são apropriadas em diversos interesses, como por exemplo *agricultura familiar, sustentabilidade, agroecologia, economia solidária, meio e ambiente, agregação de valor, segurança alimentar, autoconsumo*, entre outros.

Há também expressões que julgamos bem definidas, mas que na verdade são demais conceituadas. Isto ocorre porque nem sempre temos um entendimento único sobre as coisas. Por isso devemos ser mais

precisos quando nos referimos a alguma expressão que possa gerar confusão. Uma linguagem mais precisa se refere a uma comunicação com maior fidelidade nos significados que nos movem. Precisão não é o mesmo que exatidão. Os seres humanos não precisam ser exatos, mas precisam (ou deveriam se esforçar para) serem precisos no seu operar comunicativo.

Através da comunicação as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos. Quem fala e quem escuta formula imagens na mente e também as manipula. Não vemos, não ouvimos, não apreciamos necessariamente as mesmas coisas. Isto ocorre porque o ser humano é orientado por uma forma de ver e por uma forma de entender o mundo. A primeira constitui sua ontologia, e a segunda diz respeito a sua epistemologia.

A ontologia diz respeito ao tipo de ser humano que somos. É o estudo do ser ou de sua existência. Tornamo-nos parte daquilo que estamos observando e, conseqüentemente, somos parte da explicação que damos. O meio tem grande influência sobre o ser. No caso dos seres humanos, entendemos as coisas como entendemos, porque nos adaptamos no meio no qual nos realizamos como tal. Ocorreram ao longo da história mudanças estruturais nos seres humanos em harmonia com as mudanças do meio, havendo uma influência mútua e um processo adaptativo. Segundo Maturana (2001b), a ontogenia de um ser vivo ocorre pelas mudanças estruturais contingentes com sua interação com o meio. Também ocorre o *inverso*: “o meio muda de maneira contingente com as interações com o organismo”. O ser humano, enquanto observador, faz referência a partir da sua organização estrutural, que corresponde ao meio e direciona seu olhar de acordo com essa interação.

A ontologia esclarece porque cada pessoa explica por determinado conceito. É porque há domínios de interesse diferentes. Há domínios também que podem ser compartilhados e assim pessoas podem concordar sobre determinando assunto, assim como podem também mudar seu entendimento a qualquer momento sobre qualquer coisa. Isto acontece

porque sofreremos grande interferência do meio que vivemos, do que vemos, do que ouvimos e com quem convivemos.

A epistemologia é o modo como pensamos e explicamos. Ou seja, a epistemologia trata da forma como explicamos o mundo. É a teoria do conhecimento. É na epistemologia que se investiga como o conhecimento é adquirido e mantido.

Ontológica e epistemologicamente orientados, somos observadores, somos seres que nos produzimos na linguagem e é através dela que explicamos as coisas e que entendemos o que nos são informadas. Maturana (2005) nos diz que “o fato de sermos seres humanos, humanos na linguagem, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece.”

O motivo pelo qual falamos e entendemos de maneiras diferentes é porque realmente existem muitos “explicares” diferentes, assim como existem maneiras diferentes de se entender. Segundo Maturana (2001b), o caráter do que é comunicado depende mais de quem escuta, e não apenas de quem fala. Cada um é responsável por aquilo que escuta. Mas isso não isenta a responsabilidade do que se diz. Para o autor, a melhor comunicação se dá pela melhor coordenação entre quem se comunica com quem é comunicado. Se a ontologia e a epistemologia de cada um interfere no processo, o importante, mesmo não havendo concordância, é a coordenação.

A questão é que devemos considerar que para aceitarmos ou negarmos uma explicação devemos estar atentos em qual contexto as expressões estão sendo usadas. E mesmo assim é importante que as expressões venham acompanhadas dos sentidos que queremos dar a elas, para evitarmos confusão no entendimento.

Saber simplesmente com qual significado a palavra é usada em determinado contexto é função dos bons dicionários. Nós precisamos ser suficientemente claros em relação a significados em quaisquer contextos. Simplificar significados pode nos tornar confusos pela ambigüidade que

causamos, e aceitamos, e assim nos revelamos modestos demais, destituídos demais em relação à competência para interpretar e diferenciar significados.

Alves (1981) expõe com relação aos cientistas, mas que serve também para outros âmbitos das atividades humanas, no que diz respeito à clareza: “quem não diz com clareza, não está vendo com clareza. Dizer com clareza é a marca do entendimento, da compreensão”.

Também em relações vinculadas ao rural, especialmente na relação comunicativa entre técnicos e agricultores e acadêmicos e agricultores, deve-se estar atento ao tratar de assuntos com expressões que possam ser carentes de significado suficiente. O agricultor precisa estar bem esclarecido com relação às intenções das instituições, propostas de projetos e principalmente as implicações que as expressões utilizadas podem trazer. É por isto que o objetivo deste artigo é identificar a existência de diferentes significados no uso de linguagem presente na (re)produção do rural.

2. Materiais e métodos

Foram analisados e interpretados os significados atribuídos a quatro expressões comumente utilizadas em diferentes segmentos sociais, mas que têm forte relação com a atividade no rural: *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade*. Para tanto utilizou-se o recurso de entrevistas semi-estruturadas com agricultores e técnicos na região do Alto Jequitinhonha – Nordeste de Minas Gerais – onde as comunidades possuem uma forma organizativa estabelecida e o apoio de organizações e entidades existentes na região. Os técnicos entrevistados atuam através do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica - CAV, em média há oito anos. Os agricultores envolvidos no estudo são assistidos há mais de cinco anos, e de forma contínua. Foram entrevistados também, professores doutores da Universidade Federal de

Santa Catarina, em Florianópolis, por ser na academia, um dos espaços, que encontramos pensadores e difusores de expressões e inovações que surgem por pesquisas. Outra categoria entrevistada foi a de estudantes em fase final do curso de agronomia, também da Universidade Federal de Santa Catarina, futuros profissionais que eventualmente atuarão diretamente no desenvolvimento rural.

Ao todo foram 10 os entrevistados na categoria *técnicos* e envolvidos no presente estudo. Foi considerado que seria de grande importância que os técnicos tivessem uma relação de confiança estabelecida em um tempo médio de 10 anos com os agricultores e que as atividades desenvolvidas pela entidade fossem aglutinadoras de agricultores. Foram entrevistados 14 agricultores, com a intenção de saber do entendimento a respeito das expressões em questão. Na academia foram entrevistados oito docentes, e nove discentes em fase final do curso de agronomia. É evidente que o número de entrevistados não representa o entendimento das categorias em questão. O intuito na amostragem é tão somente identificar entendimentos presentes em componentes de categorias relevantes na caracterização de operar do rural.

Na forma que sugere a Figura 1, o perfil epistemológico e ontológico de cada entendimento ou significado atribuído pode ser enquadrado segundo proposição contida em Wals e Bawden (2000).

Wals e Bawden (2000) caracterizaram o entendimento sobre o significado de sustentabilidade a partir de diferentes e possíveis perfis ontológica e epistemologicamente orientados. A cada um dos quatro quadrantes corresponde, segundo os autores, um perfil de entendimentos: holocêntrico, ecocêntrico, tecnocêntrico e egocêntrico.



Figura 01: Atribuições de perfis ontológicos e epistemológicos.

Assim, num esforço de tentar transferir, no modo de pensar, significados que Wals e Bawden (2000) enquadraram, caracterizou-se o que seria o entendimento tecnocêntrico, ecocêntrico, holocêntrico e egocêntrico para *Agricultura Familiar, Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade*.

Os significados atribuídos foram comparados a significados característicos, anteriormente caracterizados pela autora deste estudo, significados estes descritos a seguir:

AGRICULTURA FAMILIAR

Tecnocêntrica: agricultura familiar é aquela desenvolvida em pequena escala (de produção ou de fluxo de caixa), envolvendo mão-de-obra da família e, eventualmente, em proporção menor, contratada.

Ecocêntrica: agricultura familiar é aquela atividade de baixa produção de entropia, como é a agricultura camponesa.

Holocêntrica: agricultura familiar é aquela que tem o núcleo familiar e os valores culturais como forças orientadoras da atividade no rural.

Egocêntrica: agricultura familiar é aquela desenvolvida envolvendo mão-de-obra da família e eventualmente contratada em menor proporção, mas que pode produzir em larga escala no que diz respeito ao fluxo de caixa.

AGROECOLOGIA

Tecnocêntrica: agroecologia é agricultura especialmente atenta à redução de riscos ecológicos implicados na produção.

Ecocêntrica: Agroecologia é ciência que visa a se poder produzir sem reduzir o potencial de produção, baseada no princípio da conservação (nada se cria e nada se perde, tudo se transforma).

Holocêntrica: agroecologia é filosofia orientadora de uma ciência para se produzir produtos agrícolas, baseada em valores que situam o ser humano e suas ações respectivamente como parte e como manifestação de parte da natureza mobilizada para nossa sustentação.

Egocêntrica: agroecologia refere-se a uma opção por um modo de produzir, visando a boa qualidade de produtos alimentares, promovendo saúde e a conservação de meios de produção.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Tecnocêntrico: desenvolvimento sustentável é garantir continuidade indefinida a ações necessárias e promovidas para satisfazer necessidades humanas.

Ecocêntrica: desenvolvimento sustentável é estado desejável e promovido para satisfazer necessidades humanas, sem promover a redução do potencial produtivo naturalmente existente.

Holocêntrica: desenvolvimento sustentável é o modelo de desenvolvimento que concilia a preservação ambiental e desenvolvimento tecnológico necessário para por fim à pobreza no mundo.

Egocêntrica: desenvolvimento sustentável é promover condições que possibilitam ao ator social desempenhar eficazmente sua missão.

SUSTENTABILIDADE

Tecnocêntrico: é saber produzir melhor na medida em que se compreenda mais e melhor o comportamento dos fatores de produção.

Ecocêntrico: Produzir sem degradar.

Holocêntrico: Sustentabilidade refere-se a produzir de forma a satisfazer valores morais, a ética e os critérios (dimensões) orientadores de uma sociedade justa.

Egocêntrico: promover processos de produção centrada na satisfação das necessidades e desejos dos indivíduos.

Todo e qualquer significado atribuído é, necessariamente, associável a um dos entendimentos distribuídos e correspondente quadrante, ou seja: ecocêntrico, egocêntrico, holocêntrico, ou tecnocêntrico. Mas a intenção não é comportamentos pessoais, mas sim e tão somente possibilitar inferir em qual quadrante cada significado atribuído está, e em quanto podem diferir esses mesmos significados, quando atribuídos por elementos de diferentes categorias sociais.

Complementarmente ao quadro criado por Wals e Bawden, cada quadrante do espaço de fases foi subdividido em quatro quadrados menores (Figura 2). Ou seja, cada visão (tecnocêntrica, ecocêntrica, holocêntrica e egocêntrica) foi caracterizada a partir de quatro níveis de intensidade para cada tendência da ontologia (reducionista ou holista) e da

epistemologia (relativismo ou objetivismo) que orienta o entendimento manifestado/interpretado.

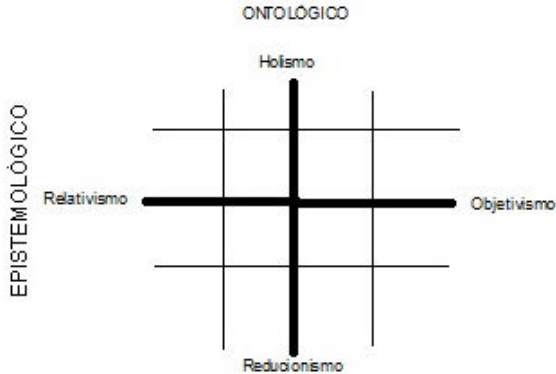


Figura 02: Níveis de intensidade orientadores do entendimento.

O procedimento propriamente experimental constitui-se basicamente de duas etapas: a primeira em campo, onde foram identificados e registrados entendimentos e significados atribuídos às expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável*, e *sustentabilidade*. Para tanto foram utilizados questionários semi-estruturados, que foram aplicados junto às quatro categorias de atores sociais entre as quais as expressões seriam lugar comum entre agricultores, técnicos, docentes e discentes de Agronomia.

Para todas as entrevistas existiu um fio condutor: perguntas a partir das quais se pudesse inferir o entendimento do entrevistado em relação às expressões objeto de estudo. Mas para cada categoria a entrevista contemplou perguntas específicas, com as quais se buscou traçar o perfil do entrevistado e da categoria.

Para a segunda etapa da pesquisa foi feita análise das entrevistas, e apontado o quadrante em que a resposta mais se aproximava.

3. Resultados e discussão

Com procedimento que pode ser visto como metodologia operacionalmente ainda embrionária, mas epistemologicamente fundamentado, para as diversas expressões foi possível comparar e distinguir entendimentos entre indivíduos de mesma categoria e entendimentos entre categorias.

Os resultados corroboram a percepção de que ocorre significativa diferença de significado de supostamente importantes expressões presentes no discurso de diferentes categorias sociais direta ou indiretamente ligadas à reprodução do rural. Significa que no trato do rural o mau uso de algumas expressões é corrente. Não pelo significado que é pretendido, e sim pela variedade de significados que algumas palavras possuem.

Os resultados da pesquisa sugerem que no contexto de rural as expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade* são passíveis de entendimento bem diverso. Os mais diferentes entendimentos ocorreram em todas as categorias pesquisadas, mostrando que mesmo entre membros de uma mesma categoria é fraca a aproximação no entendimento da expressão. Há ainda que considerar que determinadas expressões são mais polissêmicas do que outras, apresentando entendimento mais diverso, como se verá logo a seguir, quando é feita rápida discussão em torno de significados de cada expressão.

Em todos os gráficos o triângulo (▲) é referente à categoria professores, o losango (◆) é referente à categoria estudantes, o círculo (●) é referente à categoria agricultores, e o quadrado (■) é referente à categoria técnicos. Em cada quadrante se encontram as respostas de acordo com as intensidades em relação ao eixo da epistemologia e da ontologia reconhecidas como orientadora do discurso do entrevistado.

Com relação ao significado de *agricultura familiar* é possível verificar, como mostra a Figura 3, que os significados apresentam uma distribuição com predominância de manifestações reconhecíveis como holísticas e relativistas, e manifestações reducionistas e objetivistas.

As manifestações dos técnicos se mostraram proporcionalmente mais reducionistas e objetivistas. Para eles, os técnicos, agricultura familiar é a agricultura em que predomina o trabalho da família.

As manifestações dos agricultores são proporcionalmente mais holísticas e relativistas, pois agricultura familiar para eles é um modo de vida, é expressão cultural. É *conviver com a natureza*, é trabalhar com a comunidade, não apenas como um trabalho do núcleo familiar.

Na categoria estudantes, agricultura familiar é manifestada de forma mais reducionista e objetivista, assim como ocorreu com os técnicos. Agricultura familiar seria referência à pequena propriedade, na qual prevalece o trabalho da família, passando por todas as gerações.

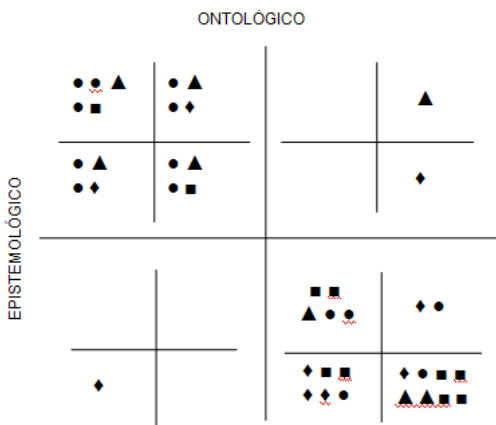


Figura 03: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *agricultura familiar*.

Pode-se dizer que a melhor comunicação ocorreria entre técnicos e estudantes, pois ambos têm um entendimento mais próximo sobre o significado da expressão.

Já os professores divergem muito entre eles quanto a um adequado entendimento do significado da expressão. São *claramente* mais holísticos.

Apesar dos agricultores envolvidos na pesquisa se verem como agricultores familiares, o entendimento que eles têm de agricultura familiar vai além do que eles são. Quando se fala em trabalhar com os agricultores familiares os próprios agricultores relacionam o trabalho com a comunidade.

Com relação ao significado da expressão *agroecologia* é possível verificar, como ilustra a Figura 4, que a maioria dos entrevistados demonstra entendimentos ontologicamente mais holísticos.

As manifestações dos técnicos são predominantemente holísticos e preponderantemente objetivistas. Em seu entendimento do significado de *agroecologia* são considerados vários aspectos dentro do assunto, mas ressaltam a questão do trabalho/relação do homem com o restante da natureza. A preocupação do agricultor em produzir, mas produzir considerando aspectos importantes do meio para que se mantenha produzindo.

As manifestações dos agricultores também são bastante holísticas, com leve predomínio para o objetivismo. Manifestam entendimentos que não se distanciam muito daquele do perfil das manifestações dos técnicos, no que diz respeito ao entendimento da expressão, mas se mostram mais objetivistas porque exemplificam e trazem para sua realidade.

As manifestações dos professores são, como já se apontou, bastante holísticas e relativistas, apresentando entendimentos diversos sobre o significado de *agroecologia*. Desde formas mais objetivas (como as citadas “modo de produção agrícola” e “agricultura de bases ecológicas”), até as formas mais relativistas (considerando como um sistema de produção energeticamente sustentável, de inclusão social, negação ao agronegócio, ao governo, às grandes empresas).

As manifestações da categoria estudantes é a mais holística de todas, mas epistemologicamente não se revelam com predominância para o

relativismo ou para o objetivismo. A *agroecologia* é tida como uma maneira de produzir preservando, ou ainda uma associação de produções com relações benéficas que consideram a segurança alimentar e a questão de utilização de insumos. São entendimentos que querem levar em conta vários aspectos que consideram importantes.

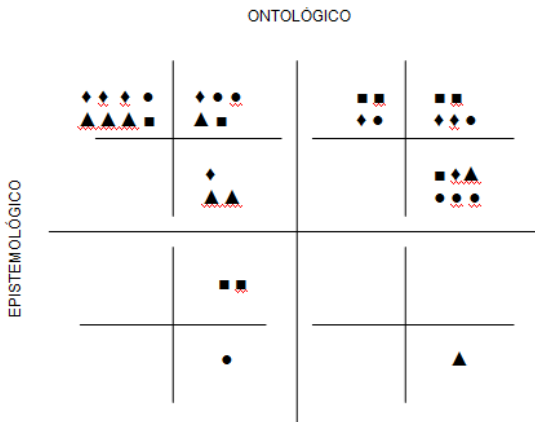


Figura 04: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *agroecologia*.

Para todos os entrevistados que responderam, independente da categoria em que se encontram, é possível verificar que *agroecologia* incorpora diversos entendimentos e, evidentemente, refletem a epistemologia e a ontologia de cada um.

Admitindo a possibilidade, ou necessidade, de apontar em quais categorias poderia ocorrer maior coerência entre entendimentos, talvez entre agricultores e técnicos a comunicação seja mais eficaz, ou menos confusa. Mas mesmo assim ainda há necessidade de maior clareza. Há necessidade de precisar o que *agroecologia* se refere naquele contexto ou para aquela pessoa que se comunica. É importante observar que se entre professores não há um entendimento comum a respeito da expressão, se todos resolverem falar ou citar *agroecologia* por algum motivo, o estudante

pode construir um entendimento muito diferente daquele que se espere que ele crie, ou simplesmente adote.

Sobre o significado da expressão *desenvolvimento sustentável*, é possível verificar, como mostra a Figura 5, que as manifestações denotam um predomínio de uma ontologia predominantemente holística. Vivemos uma época de “vontades de salvar o planeta”.

As manifestações dos técnicos são bastante holísticas e pouco mais objetivistas do que relativistas, fazendo muita referência à questão de equilíbrio entre o meio e as ações do homem, e a questão de preservação dos recursos naturais.

Em relação às manifestações dos agricultores, por sua vez, pode-se dizer que estão praticamente *centradas*. *Desenvolvimento sustentável* seria a expressão daquilo que pode mantê-los, com diversidade de produção, comercialização, manejo correto do solo. Dão exemplos práticos de como eles podem se desenvolver e se manter na sua alternativa/opção de produção, com a agricultura. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que eles não dominam conceitualmente, apesar de já terem ouvido falar. Isto foi percebido no decorrer das entrevistas, haja vista que a pergunta foi reformulada diversas vezes. Falta clareza sobre o *desenvolvimento sustentável* que escutam falar e que tentam trazer para sua vivência.

Os professores se manifestam tendendo mais para o holísmo e o relativismo. Consideram vários aspectos que devem ser observados para que de fato exista um *desenvolvimento sustentável*. Não depende de um fator, mas de vários e muito pouco coincidentes, o que dificulta uma melhor delimitação de significado.

As manifestações dos estudantes em relação ao significado de desenvolvimento sustentável são predominantemente ecocêntricas. Tratam a expressão *desenvolvimento sustentável* como uma forma de produzir sem impactar, sem degradar, ou extrair sem esgotar os recursos naturais.

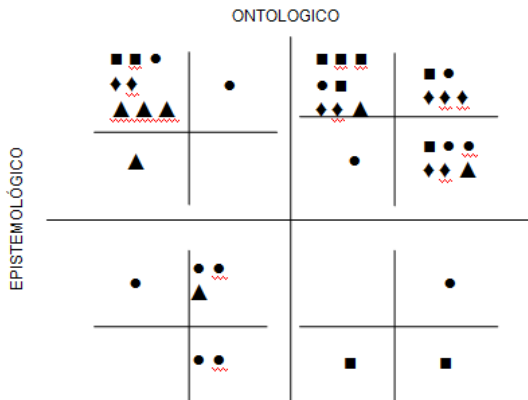


Figura 05: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *desenvolvimento sustentável*.

É razoável se dizer que a melhor comunicação sobre *desenvolvimento sustentável* ocorreria entre membros das categorias estudantes e técnicos. Ambas têm uma tendência a manifestarem-se de forma mais holística e objetivista quando tratam da expressão *desenvolvimento sustentável* como um *trabalho do homem com a natureza. E no qual os recursos não se esgotem, ou seja, que haja preservação dos meios.*

Os entendimentos manifestados e referentes à expressão *sustentabilidade* foram mais dispersos no que diz respeito à natureza de entendimentos quanto ao seu significado para membros das diversas categorias (Figura 6).

A categoria de técnicos apresenta manifestação predominantemente holística e objetivista, ou seja, mais ecocêntrica. Entendem que sustentabilidade é produzir sem degradar, para que as gerações futuras também possam dispor de bons meios para viver.

Os agricultores se manifestaram de forma mais reducionista e relativista. Consideram as condições de sobrevivência da família. Para eles,

sustentabilidade é cuidar do meio para produzir com diversidade para se manter e manter outros indivíduos.

As manifestações dos professores de forma geral são mais holocêntricas, ou seja, com tendência holística e relativista. Interpretam *sustentabilidade* como um conjunto de fatores que viabilizem uma permanente ocorrência de bons acontecimentos, boas ações para satisfazer critérios orientadores da humanidade.

Os estudantes se manifestaram de forma mais holística, mas sem clara predominância quanto à natureza de sua epistemologia. *Sustentabilidade* é tratada como uma ação que permita que uma atividade permaneça em longo prazo, que *exista um equilíbrio*. Consideram a capacidade do “ambiente”, a questão da energia que entra e sai do *sistema*. A sustentabilidade incorpora vários significados, mas sem clareza.

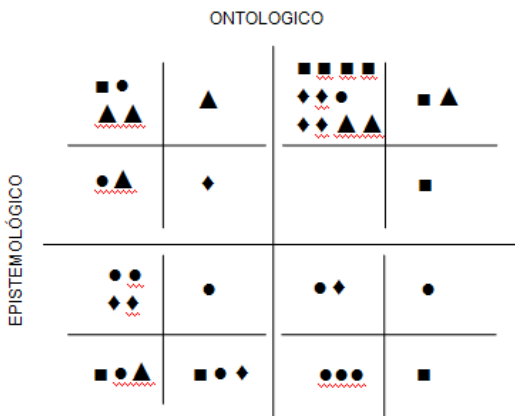


Figura 06: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *sustentabilidade*.

A expressão *sustentabilidade* assume, assim, vários significados nas diversas categorias, pois são muito diversas as formas de entendê-la. De maneira geral é possível verificar que agricultores e técnicos percebem a expressão de forma bastante diferente, mesmo estando os entendimentos manifestados pelos agricultores muito dispersos. De certa forma a

compreensão dos agricultores tem como referencial o núcleo familiar. Já para os técnicos o entendimento de sustentabilidade é muito mais amplo, serve para a sociedade como um todo.

Professores e estudantes parecem estar num caminho mais propício a um entendimento entre os entendimentos, mas para tanto é necessário que a categoria professor possa ser mais clara ao disseminar expressões com mensagem que incorpore todos os significados pretendidos em *sustentabilidade*.

Dessa maneira, é possível verificar para todas as expressões, a teorização de Maturana, Foucault e Freire. É possível dizer que o processo de aprendizagem pelos agricultores, segundo Freire, acontece mais expressivamente do que entre estudantes e professores. Isto é perceptível pelos entendimentos mais semelhantes. Pode-se dizer que os resultados já eram esperados por Foucault, pois suscita sobre as rupturas epistemológicas e os novos entendimentos que surgem; expressões “abertas” a novos entendimentos. Resultados também esperados por Maturana, quando descreve as diferentes maneiras de explicar e entender, segundo a ontologia e a epistemologia do indivíduo. Ressaltando a necessidade de coordenação tanto para quem se comunica, quanto para quem a mensagem é comunicada.

4. Considerações finais

É sempre muito difícil fazer um estudo que aponte como se orienta ontologicamente e epistemologicamente um pensar, na medida em que este estudo não pode ser feito sem os efeitos da epistemologia e da ontologia que orienta quem estuda.

Reconhece-se que no presente estudo não se poderia fazer referência a entendimentos presentes ou predominantes nas categorias estudadas, mas sim e tão somente em elementos pertencentes a uma ou outra categoria, pois as mesmas não foram efetivamente amostradas. Em

outras palavras, o estudo não foi na direção de se apontar a natureza de entendimentos nesta ou naquela categoria, mas no sentido que podem existir entendimentos muito diferentes em diferentes categorias.

O fato de a pesquisa ter sido realizada em dois locais bem diferentes, representados por localidades de Minas Gerais e de Santa Catarina, e entre categorias tão distintas, foi com a intenção de mostrar que as expressões pesquisadas possuem de fato entendimentos diferentes. Outro fato importante a considerar é que estes diferentes entendimentos ocorrem em contextos diferentes.

Em todos os casos de expressões e categorias consideradas no estudo, ocorre uma *dispersão* de entendimentos e significados produzidos. Em nenhuma expressão considerada no estudo ocorreram respostas que se enquadrem apenas como holocêntricas, tecnocêntricas, ecocêntricas ou egocêntricas, para uma categoria específica. Portanto, mesmo entre elementos de uma mesma categoria, uma suficiente comunicação demanda cuidado que parece estar insuficientemente presente no operar de discursos em cada uma dessas categorias. Ou seja, precisamos ser mais precisos no nosso comunicar.

Finalmente, convém esclarecer, o fato de cada indivíduo, de cada categoria, possuir entendimentos e produzir manifestações referentes àquelas expressões, e que segundo Wals e Bawden (2000) podem ser enquadrados, não significa que se esteja enquadrando o modo de ser do manifestante. Ou seja, ninguém é apenas holocêntrico, tecnocêntrico, ecocêntrico ou egocêntrico, e sim que sua manifestação é sempre produto de uma visão de mundo ontológica e epistemologicamente orientada, como citado por Maturana e Foucault.

5. Referências Bibliográficas

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 209 p.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 407 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. 203 p.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 98 p.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. 6. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001. 288 p.

WALS, A.; BAWDEN, R. **Integrating sustainability into agricultural education**: dealing with complexity, uncertainty and diverging worldviews. In: INTERUNIVERSITY CONFERENCE FOR AGRICULTURAL AND RELATED SCIENCES IN EUROPE (ICA), Belgium, 2000. p. 01-18